

# OS CASTELOS DE TAIPA DO PERÍODO MUÇULMANO NO SUL DE PORTUGAL: O EXEMPLO DE SALIR (LOULÉ)

por

Helena Catarino\*

**Resumo:** No Sul de Portugal, são vários os exemplos de castelos muçulmanos construídos de taipa. Embora esta técnica construtiva apareça esporadicamente em castelos do período emiral, é com os almorávidas e almóadas que se generaliza, edificando-se novos dispositivos de defesa, perante o avanço da Reconquista Cristã.

Para o Algarve, referem-se os resultados obtidos nas escavações arqueológicas do castelo de Salir (Loulé).

**Palavras-chave:** Castelos. Taipa. Almóada.

1. Perante o avanço da Reconquista Cristã para os territórios do Garbe, os muçulmanos tornam urgente uma política defensiva: reconstroem-se as antigas muralhas urbanas, constroem-se novos dispositivos de defesa e edificam-se pequenas fortificações de carácter regional que abrigavam as populações rurais.

Se, numa primeira fase, durante os períodos emiral e califal, predominaram os castelos construídos totalmente de pedra, verifica-se, no entanto, que se começa também a utilizar a taipa em estruturas defensivas, ainda que esporadicamente. Assim, no século IX aparecem pela primeira vez documentadas muralhas construídas de taipa, por exemplo na alcáçova de Toledo (Torres Balbas, 1985: 560) e na alcáçova de Badajoz (Valdés, 1988: 145-146). Nesta cidade, por exemplo, reconstroem-se as muralhas também com taipa, no século X, após as campanhas de Ordonho II, rei de Leão, contra a cidade de Évora (Lozano, 1983: 16).

Contudo, será a partir do século XI, com a queda do califado, que se nota uma nova tendência para a edificação de muralhas em formigão de taipa, com muitas pedras de pequenas e médias dimensões, argamassadas com terra e cal

---

\* Assist. na F.L.U.C. e invest. da UNIARCH.

endurecida. Para este período estão documentadas, entre outras, as muralhas de Almería, de Granada e Maiorca. Quanto à cidade de Badajoz, verifica-se que a dinastia Aftássida, ao consolidar o poder, manda reconstruir as muralhas com formigão de pedra argamassada com cal.

Para o território português, podemos questionar o caso de Alcácer-do-Sal (castelo de Abú Denís), cidade dependente do reino taifa de Badajoz e capital da grande provincia de al-Kassr. As suas muralhas, principalmente na antiga alcáçova, podem corresponder a uma construção do século XI dadas as suas semelhanças com as muralhas de Badajoz e de Almería, enquanto que parte da cerca urbana e das torres serão mais tardias.

Assim, Numa análise superficial, verifica-se que o conjunto das muralhas apresenta vários tipos de argamassa, desde o formigão de pedra à taipa com texturas diversas. Este facto leva-me a pensar em fases distintas de construção que vão desde os finais do califado, ou inícios dos reinos taifas, até ao período almóada.

Será, no entanto, a partir do século XII, com o estabelecimento do domínio africano e perante o avanço dos cristãos para o sul peninsular que começa a evidenciar-se o predomínio da taipa na construção de muralhas e torres defensivas, como por exemplo em Cáceres, Sevilha, Badajoz, Elvas, etc.

A incidência da guerra e a insegurança geral reflectem-se sobre as transformações no habitat fortificado. Perante uma marca fronteiriça cada vez mais débil, torna-se urgente a construção de uma rede de sistemas defensivos, não só nas áreas urbanas como também junto do povoamento rural, capaz de abrigar e proteger as populações que até aí viviam em pequenos casais agro-pastoris e em pequenas povoações dispersas.

Perante uma urgente política defensiva por parte do poder central verifica-se, também, que em 1125 o representante do monarca almorávida decretou um imposto (ta'tib) destinado a reconstruir ou refazer as muralhas das cidades principais. Mais tarde, em 1162, o emir Abd' al-Mu'min ordenou que se fortificassem todas as costas e que os muçulmanos se preparassem para fazer a guerra com os cristãos por terra e por mar (Torres Balbas, 1985: 478). Será, portanto, com os almorávidas e com os almóadas que se verifica a total divulgação deste tipo de construção, bem como o aparecimento de novos dispositivos de defesa, como sejam as torres albarrãs e as portas em cotovelo.

No Sul de Portugal (fig. 1), se algumas cidades, como por exemplo Alcácer do Sal ou Elvas, apresentavam no século XII muralhas construídas de taipa; outras, como Moura, Serpa, Silves ou Faro, vêem as suas fortalezas de pedra serem reparadas, acrescentando-se novos tramos de muralhas e novas torres de taipa. Para além das cidades já existentes, surgem ainda pequenos castelos rurais totalmente construídos de taipa, com funções defensivas restritas e uma ocupação predominantemente almorávida e almóada, como parecem ser os casos dos caste-

los de Salir (Loulé); Paderne (Albufeira) ou Belinho (Portimão).

Estes castelos podem corresponder a povoações fortificadas de raiz, em zonas com pouca tradição de povoamento concentrado. Até ao século XII, na área relativamente fértil do Barrocal Algarvio, longe de eventuais perigos vindos do litoral ou do interior do Alentejo, parece ter predominado um povoamento bastante disperso por pequenos casais cujas actividades dominantes seriam a pastorícia e a pequena agricultura e horticultura.

Estas pequenas fortificações de taipa, principalmente se nos reportarmos aos castelos de Paderne e Salir, entre outros prospectados no interior do Algarve, situam-se sempre em locais estratégicos e controladores de passagens naturais. Vigilantes de caminhos e de eixos de povoações, permitiam o acesso desde as cidades e as terras baixas do litoral, em direcção ao interior da Serra Algarvia e do Baixo Alentejo.

Assim, por Paderne passaria um caminho que vindo de Albufeira, atravessava a ribeira de Quarteira, pela ponte do castelo de Paderne (quase seguramente contemporânea do castelo) e seguiria para Messines e S. Marcos da Serra, onde se juntava ao principal eixo viário do Algarve para o Alentejo, em direcção a Alcácer-do-Sal. Por Salir passaria um caminho que, vindo de Faro, via Almansil, Loulé e Ponte da Tôr (indicada como romana) seguiria em direcção à Serra do Caldeirão, para Almodôvar e Ourique, onde se juntaria também à via principal.

Controladores de territórios e de linhas de comunicações, este tipo de castelos pode obedecer a uma determinada estratégia pré estabelecida. Por exemplo, verifica-se uma certa regularidade na malha de castelos de taipa do Algarve, situando-se quase todos em pontos equidistantes de cerca de 15 a 20 Km em linha recta.

Nesta linha de ideias, se os castelos de taipa do período almorávida/almóada podem resultar, por um lado, das necessidades defensivas por parte das populações locais, podem ser, também, um reflexo das necessidades do poder central. Assim, cada pequeno território ou comarca administrativa estaria associada a um castelo que ao mesmo tempo que protegia a população abrigava uma guarnição militar.

2. Os castelos construídos de taipa apresentam sempre um recorte rectilíneo marcado por cantos de ângulos bem definidos. Sendo estes locais mais propícios à erosão, são frequentemente revestidos de pedra ou totalmente substituídos por cunhais de pedra aparelhada.

Nos alicerces, para proteger as muralhas e dificultar as infiltrações de água, a taipa assenta sempre sobre uma sapata relativamente alta, feita de pedra argamassada com cal bem endurecida. Esta realidade pode verificar-se em Paderne, na muralha poente, e em Salir, onde a base da muralha, identificada aquando das

escavações, é também de pedra argamassada com cal.

No entanto, no caso da construção ser feita sobre um espigão em forte declive a taipa pode assentar directamente sobre uma proeminência da rocha, como acontece nos torreões do castelo de Salir que assentam sobre a brecha calcária.

Como a matéria prima para este tipo de construções é recolhida no local da obra, e aí pisada por meio de cofragens de taipais, o tipo de argamassa varia bastante de local para local. Deste modo, as construções podem apresentar-se muito terrosas de cor castanho avermelhado, como acontece nas muralhas da vila de Portel; terrosas e com muito xisto, na região de Mértola e no Nordeste Algarvio; argamassas argilosas bem endurecidas e com inertes muito finos, de areão grosso e pequenos seixos de ribeira, como no castelo de Paderne; ou argamassas heterogéneas, de pedras misturadas com cerâmicas, conchas e ossos pouco triturados, como por exemplo em Niebla, Saltes (Huelva), Loulé, etc. Em Alcácer-do-Sal, por exemplo, se alguns tramos de muralha apresentam um formigão com pedra endurecida, outros apresentam uma argamassa heterogénea onde se misturam cerâmicas romanas (tegulas e ânforas) e cerâmicas muçulmanas.

Em zonas de muita pedra, como é o caso do Barrocal Algarvio, a grande percentagem deste material é de tal modo elevada que a taipa forma uma argamassa de formigão, como se verifica nas muralhas de Salir até agora postas a descoberto pelas escavações.

Neste castelo, as torres podem apresentar também uma argamassa de terra muito argilosa misturada com cal e diversos tipos de inertes, tais como pedras de várias dimensões (calcário, grés vermelho e xisto) misturadas com fragmentos de conchas, ossos, carvão e cerâmica. Esta encontra-se pouco triturada, notando-se vários fragmentos de telhas e de loiça de cozinha como, por exemplo, fragmentos de taças de vidro melado decoradas a óxido de manganés, jarrinhos ou pucarinhos com restos de pintura a branco ou a negro e fragmentos de outros tipos de recipientes. A argamassa de taipa heterogénea é bastante comum nas construções almóadas do século XII, como por exemplo em Cáceres, Badajoz, Niebla ou Saltes (Huelva).

A taipa aplicada às construções militares apresenta sempre uma grande percentagem de cal que lhe confere um endurecimento muito resistente. Segundo Bazzana podem considerar-se seis critérios principais como índices de arabismo na construção dos castelos de taipa almorávida-almóadas (Bazzana, 1980b: 339-340).

De entre estes critérios salientam-se as argamassas de taipa colocadas com a ajuda de cofragens de madeira. Na estabilização destas cofragens nota-se, no entanto, uma certa diferença de técnica. Enquanto que, por exemplo, no castelo de Salir se terão utilizado troncos de madeira colocados na horizontal e na vertical

(Catarino, 1992a: 13); no castelo de Paderne nota-se um sistema que também incluía estabilização com cordas (Catarino, 1992b: 19).

As aberturas com lintel, situadas junto da base das muralhas, também podem apresentar algumas diferenças. Se em Salir se identificou um pequeno buraco para escoamento com cerca de 30 cm de largura, no castelo de Paderne (fig. 3. 2) ainda são visíveis várias aberturas em galerias subterrâneas. Numa delas, com lages de fecho que atingem os 80 cm de largura ainda foi possível penetrar até cerca de 2,30 m, estando a passagem obtruída a partir daí.

Os traços de separação das linhas de cofragens atestam o emprego do covado como medida de base para a construção. Estes traços de separação, normalmente pintados com cal hidráulica endurecida, apresentam-se sempre em bandas horizontais e verticais, com cerca de 8 a 10 cm de espessura, a imitar grandes silhares bem visíveis na torre poente do castelo de Salir (fig. 4. 2).

As medidas das cofragens de madeira são, quase sempre, coincidentes de castelo para castelo o que leva a pensar numa certa uniformidade de medida padrão aplicada a este tipo de construção. O côvado ma'muni, de tradição oriental, utiliza-se como medida base. Assim, se as estreitas paredes das casas habitacionais medem normalmente um côvado (cerca de 42 a 45 cm de largura), nas muralhas a altura de cada assentada de taipa corresponde aproximadamente ao duplo côvado que pode oscilar entre os 80/84 cm no castelo de Salir, 80/85 cm no castelo de Silves, 84/86 cm no castelo de Paderne, raramente atingindo os 90 cm de altura.

De plantas poligonais e recortes rectilíneos, os castelos de taipa têm em comum a existência de torres albarrãs (fig. 4.), para além de várias outras adossadas às muralhas. Embora a maioria destas torres apresente uma planta subquadrangular ou rectangular, também podem ter uma planta octogonal como acontece por exemplo nos castelos de Tavira e Silves, torres provavelmente contemporâneas de outras existentes em Espanha, como em Cáceres, Badajoz ou sevilha.

Torres albarrãs e portas em cotovelo, simples ou múltiplas com pátios intermédios, parecem associar-se sempre nestas fortificações almóadas. Como refere Torres Balbas (1960: 422), sendo as portas de acesso ao interior de um castelo o local de defesa mais débil, aí se centram os máximos recursos defensivos. Nestes castelos, a construção da porta, com barbacã que liga a uma das torres albarrãs, requer a utilização de materiais mais consistentes que as muralhas. Assim, é comum verificar-se que a zona de entrada é construída em pedra aparelhada ou com blocos de pedra seguros com forte argamassa de formigão, como acontece, por exemplo no castelo de Paderne.

3. Os trabalhos arqueológicos que tenho vindo a desenvolver no castelo de Salir inserem-se num projecto de estudo e recuperação dos castelo de taipa de Paderne e Salir, em colaboração com António Tavares a quem cabem os trabalhos

de consolidação da taipa.

As escavações só têm sido possíveis graças à acção dinamizadora da Câmara Municipal de Loulé que adquiriu um quintal na zona do castelo e tem subsidiado as escavações. Agradece-se igualmente a Maria João Catarino, técnica do arquivo histórico e museu, a quem cabem os restauros de materiais provenientes das escavações.

O que resta da fortaleza muçulmana localiza-se na zona poente da povoação de Salir (freguesia do concelho de Loulé) e ergue-se num cabeço de brecha calcária, com altura máxima de 256 metros, que inclina suavemente para Sudeste e é praticamente abrupta para Norte. É, precisamente, para Norte e Oeste que se alinham os cabeços mais elevados, ora xistosos, ora calcários, típicos dos contactos da Serra com o Barrocal.

Hoje, as casas que se situam na zona onde estava o castelo sobrepõem-se às estruturas medievais, dando ao conjunto do aglomerado um aspecto antigo com casas baixas, com desníveis internos, e ruas sinuosas e estreitas.

Do castelo, restam apenas alguns tramos de muralhas integrados em edifícios antigos e quatro torres de taipa, sendo uma albarrã (fig. 2). É, precisamente, perto desta torre que se localiza a área da escavação.

Embora os resultados obtidos sejam ainda muito parcelares (Catarino, 1992a: 9-51), podemos avançar, contudo, com algumas considerações sobre a evolução diacrónica da ocupação do castelo (fig. 5. 1):

1. Sobre a brecha calcária que caracteriza a rocha desta região, edificaram-se as muralhas e respectivas torres (nível 7). Seguindo a técnica corrente, as muralhas em formigão de taipa, aproximadamente com espessura de quatro côvados e meio, elevam-se sobre uma base ou sapata mais larga, construída de pedra argamassada com terra e cal.

2. A evolução diacrónica da ocupação muçulmana deste castelo pode integrar-se em diversas fases que correspondem a construções e reconstruções de edifícios habitacionais no interior do recinto fortificado:

- a) Na Fase I, correspondente aos níveis 6 e 5, identificaram-se um silo e restos de paredes de taipa assentes numa base de pedra. As estruturas e o espólio apontam para uma cronologia centrada no século XII.

De entre o espólio mais representativo destacam-se as cerâmicas: pequenos fragmentos de taças vidradas de cor melado e com decoração a óxido de manganés em círculos concêntricos e vários fragmentos de jarrinhas, algumas possibilitando reconstituição integral, que apresentam pastas alaranjadas ou pastas cremes, onde se notam restos de decoração pintada a branco ou a negro.

- b) Na fase II, correspondente aos níveis 4 e 3, verificam-se reestruturações nos edifícios com o acrescento de novas paredes que cortam compartimentos mais antigos, uma porta entaipada e parte de um pátio e cozinha com lareira estruturada

com ladrilhos.

Esta fase corresponde nitidamente a uma ocupação almóada que sofre destruições aquando da Reconquista Cristã. Da camada 3 recolheu-se um conjunto de material que se atribui à primeira metade do século XIII (fig. 5. 2).

Destacam-se alguns elementos ligados à tecelagem como fusos de cobre, cabos de roca de osso decorados, cossoiros de osso, um fragmento de tempereiro de ferro, de tear horizontal; e algumas pontas de lança ou de besta, embora se encontrem outros exemplares idênticos tanto no nível 2 como no nível 5.

Predominam, no entanto, os fragmentos de cerâmica que possibilitam muitas vezes reconstituições integrais. São de destacar os fragmentos de grandes tigelas ou caçoilas vidradas de cor esverdeada ou de cor melado e acastanhado. Trata-se de peças com perfil carenado, com bordos arredondados e espessados externamente e fundos de pé anelar saliente.

Um grupo também bem representado, corresponde a grandes malgas ou caçoilas de corpo troncocónico invertido e com uma carena baixa a delimitar o fundo levemente abaulado. Estas, apresentam uma decoração com múltiplos cordões plásticos colados na vertical ao longo do corpo.

Podemos considerar estas formas como sendo típicas do período almóada. Os exemplares de Salir são idênticos, entre outros, aos da camada 2 de Silves (Gomes, 1988: 260) e do castelo de Gibrleón (Huelva), enquadráveis entre finais do século XII e princípios do seguinte (Beida Garcia, 1987: 110 e 112). Assemelham-se também a alguns exemplares de Sevilha, que aparecem nos banhos de la Reina Mora (Carrasco Marin, 1987: 532, fig. a) e, embora com algumas diferenças, aproximam-se das cazuelas do castelo de Monteagudo (Navarro Palazon, 1986: 284-286).

As painéis da camada 3 de Salir pertencem todas ao mesmo tipo. Os bordos são ligeiramente espessados ou adelgaçantes; o colo é curto e de perfil levemente convexo, definido por um estrangulamento ou um sulco na ligação com o ombro. O corpo é globular ou quase bitroncocónico e o fundo é plano ou levemente abaulado. As asas, de secção oval, partem sempre do ombro e terminam no bojo. Alguns exemplares podem apresentar decoração pintada.

Os paralelos mais aproximados para este tipo de painéis encontram-se em Mértola, datados do século XII (Torres, 1987: 6) ou em Múrcia, datados da primeira metade do século XIII (Navarro Palazon, 1991: 35-36), nestes casos com vidro interno. Outras formas muito semelhantes, não vidradas e com cronologias do século XIII, encontram-se em Saltes (Huelva), (Bazzana, et al., 1989:55) ou na área urbana de Lorca (Navarro Palazon, 1986: 60-61, nº 122 e 124).

c) A fase III corresponde ao momento pós-reconquista, presente na camada 2 de alguns quadrados. Esta camada associa-se a derrubes de telhados e de edifícios, à abertura de silos que destroem níveis anteriores, e verificam-se, também,

algumas ocupações esporádicas, principalmente no quadrado I-10 onde se identificou uma lareira, grosseiramente estruturada com pedras e rodeada de muitos ossos de animais, provavelmente de ovicaprinos.

Os materiais arqueológicos encontram-se bastante misturados. Vários fragmentos, muito espalhados espacialmente, de grandes talhas do período almóada, decoradas com estampilhas; vários fragmentos de cerâmica islâmica e raros fragmentos de escudelas tardo-medievais. De notar que também nesta camada se recolheram vários fragmentos de alguidares de fabrico manual muito grosseiro.

d) Finalmente, na fase IV, presente na camada 1, verifica-se o arrasamento total desta zona do castelo, provavelmente a partir do século XVI e XVII. As muralhas foram totalmente ou parcialmente destruídas e construíram-se novas casas na área por onde passavam as antigas muralhas. Hoje, torna-se difícil uma percepção real da área urbana da fortificação muçulmana, sendo apenas possível intervir arqueologicamente em zonas pontuais, designadamente em quintais de casas arruinadas.

4. Pelo exposto, os castelos de taipa do período almorávida/almóada, designadamente as fortificações rurais, incerem-se numa extensa malha de sistemas defensivos, muitas vezes criados de raíz.

A sua função inicial pode ter sido de simples protecção para a comunidade local, ocupando o centro do território com os seus respectivos aglomerados rurais e áreas agro-pastoris. Tomam, depois, uma função estritamente militar de sedes de pequenas comarcas rurais, situadas em pontos de convergência de vários caminhos medievais, na estratégia de defesa dos reinos meridionais, perante o avanço da Reconquista.

Quanto ao exemplo do castelo de Salir, embora o povoamento muçulmano desta região do Barrocal Algarvio seja mais antigo, os resultados arqueológicos, bem como uma estela funerária com inscrição do século XII (Velho, 1970: 63-64) apontam para uma cronologia posterior ao período dos reinos de taifa.

São relevantes as características desta fortificação, o tipo de estruturas habitacionais e uma certa homogeneidade no espólio do período muçulmano. Embora a área arqueológica seja ainda reduzida, os dados de que disponho apontam para uma construção tardia do castelo, talvez durante o período almorávida.

Até ao momento, não se identificaram quaisquer vestígios do período emiral e califal. Nota-se mesmo, que são raras as cerâmicas que têm uma grande difusão nos séculos X e XI, como as malgas (ataifores) vidradas de cor melado claro e decoradas a óxido de manganés.

Por outro lado, são mais frequentes os vidrados monocromos de cor melado escuro e verde que segundo Bazzana (1980a: 83) começam a difundir-se no período dos reinos de taifa. Contudo, também para este período nos faltam quaisquer

exemplares decorados com a técnica da corda seca.

Se as cerâmicas recolhidas nas camadas 6 e 5 podem apontar para cronologias largas, entre finais do período dos reinos de taifa e inícios do período almorávida; o espólio recolhido na camada 3 aponta para um período cronológico tipicamente almóada, principalmente para a primeira metade do século XIII.

Embora não existam quaisquer fontes escritas sobre a reconquista de Salir, penso que o assédio ao castelo foi duro para a população que, perante as destruições e incêndios, abandonou precipitadamente o local para se refugiar, ainda que temporariamente, nos serros mais próximos.

Depois da tomada da cidade de Tavira, D. Paio Peres Correia “foi sobre a vila de Salir e tomou-a pela força” (Guerreiro, 1983: 75), em data não referida. Sabe-se que, pouco depois, provavelmente já em 1248, foi aqui que o mestre da Ordem de Santiago aguardou a hostes militares de D. Afonso III que, vindas do Alentejo, se preparavam para a conquista de Faro. Assim, as hostes do monarca português saíram de Beja em direcção a Almodôvar e passaram a Serra pelas Cortiçadas, indo encontrar-se com D. Paio Peres Correia na vila de Salir, entre Loulé e Almodôvar (ibid: 92).

Terminado o seu papel de defesa muçulmana e sem qualquer função militar posterior (este castelo nem sequer foi doado a nenhuma ordem militar, ao contrário do que aconteceu, por exemplo, em Paderne), o processo de destruição e degradação das muralhas de Salir foi-se acentuando.

No século XVI a povoação passa a sede paroquial mas o castelo já estava arruinado e só existiam alguns pedaços de muralha e as torres. Assim o descreve Henrique Fernandes Sarrão (circa 1600): “nesta freguesia de Salir está um castelo muito antigo, situado no alto de um serro, despovoado, e quasi derribado, e chama-se a povoação do mesmo castelo, porque assi se chamava antigamente” (Guerreiro, 1983: 162).

Hoje, quase nada resta da fortificação muçulmana. A freguesia que se foi desenvolvendo inicialmente no cabeço junto da igreja matriz, acabou por ocupar também o serro do antigo castelo e as casas que então se foram construindo, provavelmente a partir do século XVII, acabaram por se adossar e integrar nos restos de muralhas. Deste modo, as intervenções arqueológicas só podem ser pontuais e os resultados obtidos muito parcelares.

## BIBLIOGRAFIA

- BAZZANA, A. (1979) - Céramiques Médiévales: Les méthodes de la description analytique appliqués aux productions de l'Espagne Orientale. *Mélanges de la Casa Velazquez*, vol. XV; Paris, pp. 135-185.
- BAZZANA, A. (1980a) - Céramiques médiévales:... II. Les poteries décorées. Chronologie des productions médiévales. *Mélanges de la Casa Velazquez*, vol. XVI; Paris, pp. 57-95.
- BAZZANA, A. (1980b) - Éléments d'archéologie musulmane dans al-Andalus: Caractères spécifiques de l'architecture militaire arabe de la région valencienne. *Al-Qantara*, vol. I; pp. 338-363.
- BAZZANA, A. et al. (1989) - *Shatish/Saltés (Huelva). Une ville médiévale de l'al-Andalus*. Madrid.
- BEDIA GARCIA, M. J. (1987) - Avance de los trabajos realizados en el castillo de Gibrleón (Huelva). *II Congreso de Arqueología Medieval Española*, tomo II; Madrid, pp. 103-122.
- CARRASCO MARTIN, M. J. (1987) - Avance del estudio de la ceramica hispano-musulmana procedente de los "Baños de la Reina Mora" (Sevilha). *II Congreso de Arqueología Medieval Española*, tomo II; Madrid, pp. 529-538.
- CATARINO, H. (1992a) - A fortificação muçulmana de Salir (Loulé). Primeiros resultados arqueológicos. *Al-'Ulyā*, nº 1; Loulé, pp. 9-51.
- CATARINO, H. (1992b) - Fortificações do período almóada no Sul de Portugal. Arquitecturas de terra, *Conimbriga*, pp. 13-27.
- GOMES, R. V. (1988) - Cerâmicas muçulmanas do castelo de Silves. *Xelb* 1; Silves.
- GUERREIRO, M. V. et al. (1983) - Duas descrições do Algarve do século XVI. *Cadernos de História Económica e Social*; Lisboa.
- LOZANO, M. (1983) - *Badajoz y sus murallas*. Badajoz.
- NAVARRO PALAZON, J. (1986) - *La ceramica islamica de Murcia*. Murcia.
- NAVARRO PALAZON, J. (1991) - *Una casa islamica en Murcia. Estudio de su ajuar (siglo XIII)*. Murcia.
- TORRES BALBAS, L. (1985) - *Ciudades hispano-musulmanas*. 2ª ed.; Madrid.
- TORRES; C. (1987) - *Cerâmica islâmica portuguesa*. Mértola.
- VALDÉS FERNANDES, F. (1985) - *La alcazaba de Badajoz. I. Hallazgos islamicos (1977-1982) y testar de la puerta del Pilar*. Madrid.
- VELHO, M. (1970) - A inscrição árabe de Salir. *Anais do Município de Faro*, vol. 2; Faro, pp. 63-64.

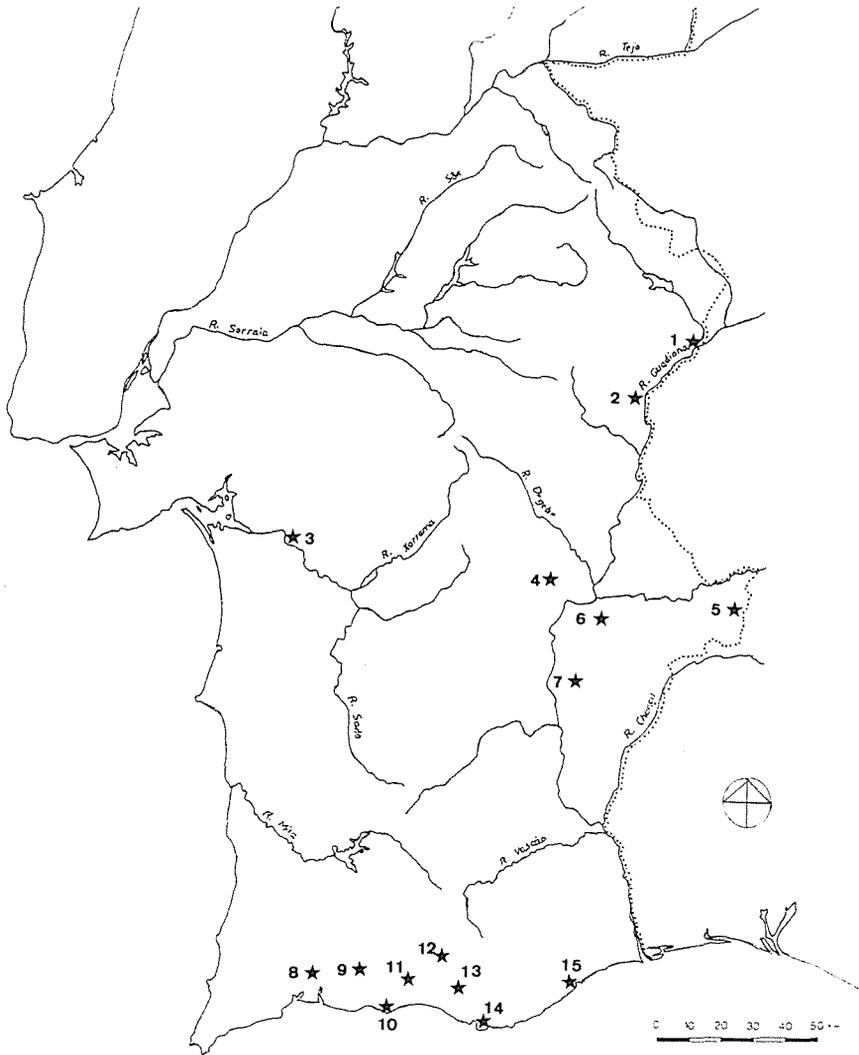


Fig. 1 — Amostragem de alguns dos castelos do Sul de Portugal com dispositivos de defesa de taipa. 1. Elvas; 2. Juromenha; 3. Alcácer-do-Sal; 4. Portel; 5. Noudar; 6. Moura; 7. Serpa; 8. Castelo Belinho; 9. Silves; 10. Albufeira; 11. Paderne; 12. Salir; 13. Loulé; 14. Faro; 15. Tavira.

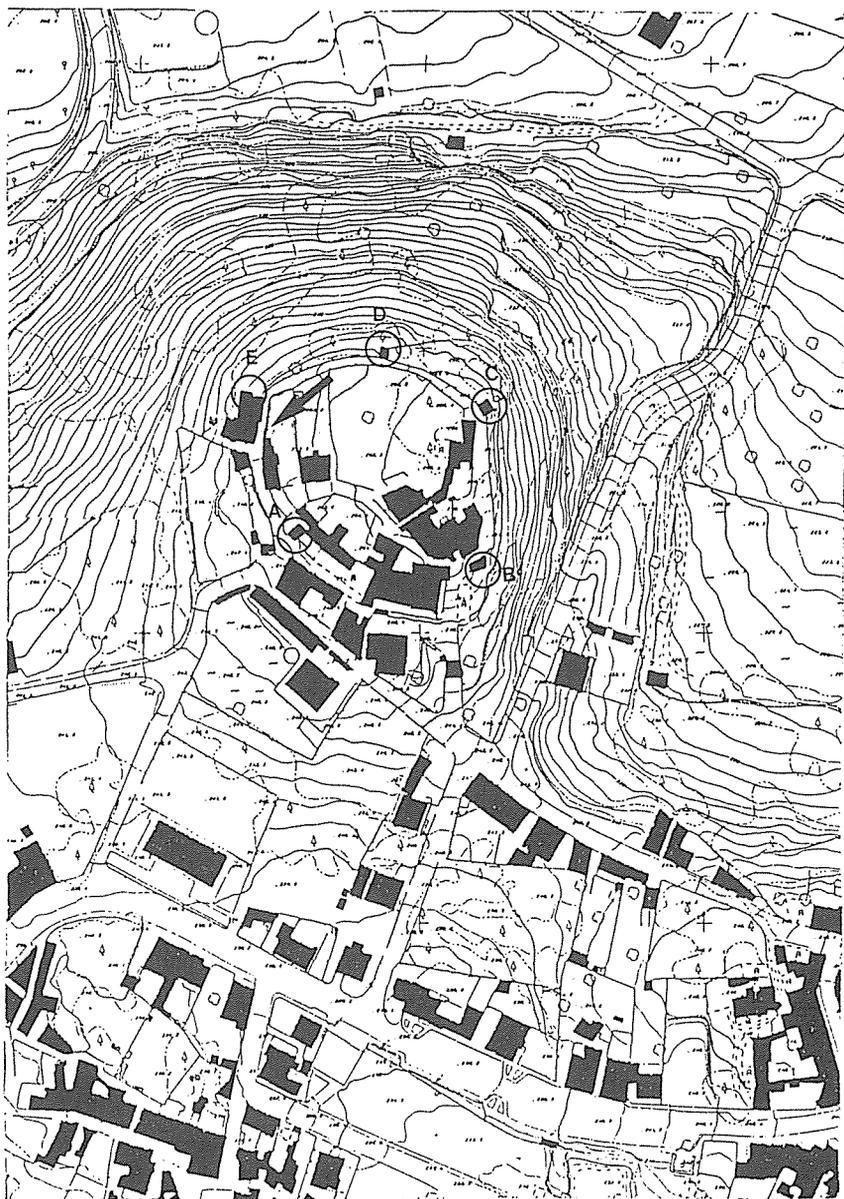


Fig. 2 — Planta topográfica da zona do castelo de Salir (a partir da planta de esc. 1:200, reduzida; esc. c. 1:265). A. C. D. e E são torres de taipa; B corresponde a um pequeno tramo de muralha ou a uma torre destruída. A seta indica a área da escavação.

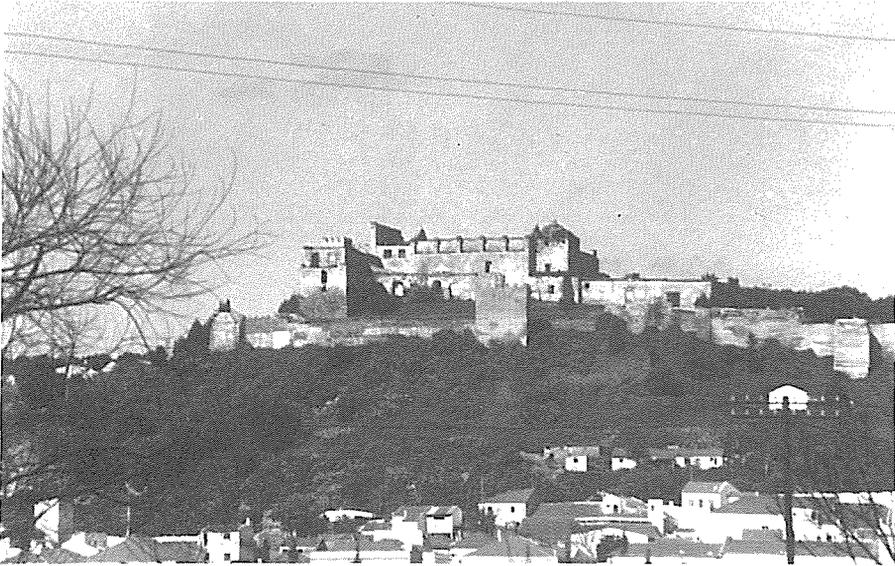


Fig. 3 — 1. Muralhas e torres de taipa do Castelo de Alcácer-do-Sal.

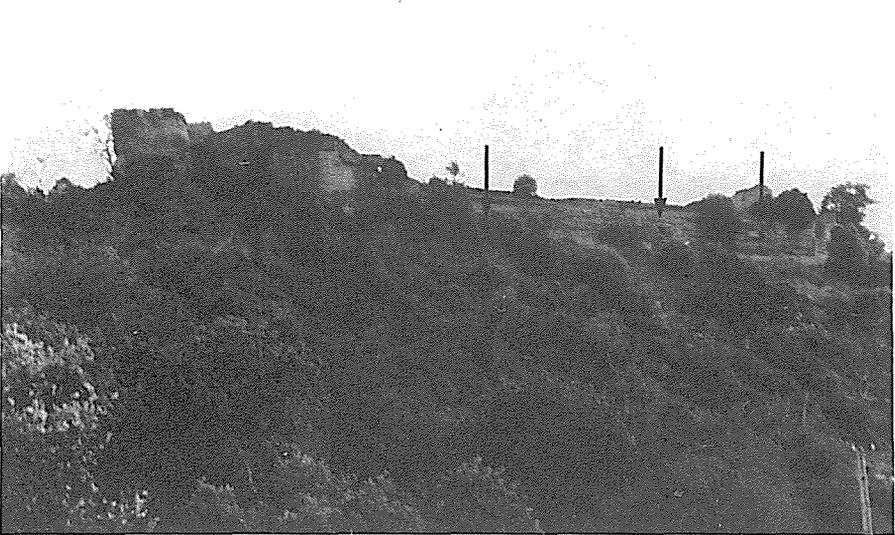


Fig. 3 — 2. Castelo de Paderne. As setas assinalam os vários buracos com lintel, localizados no lado poente da muralha.

Est. IV



Fig. 4 — 1. Castelo de Paderne. Torre albarrã e passadiço superior de ligação à muralha.



Fig. 4 — 2. Castelo de Salir. Torre albarrã junto da qual se localiza a escavação.



Fig. 5 — 1. Pormenor da escavação na área do quadrado F11, sendo visíveis várias camadas estratigráficas.

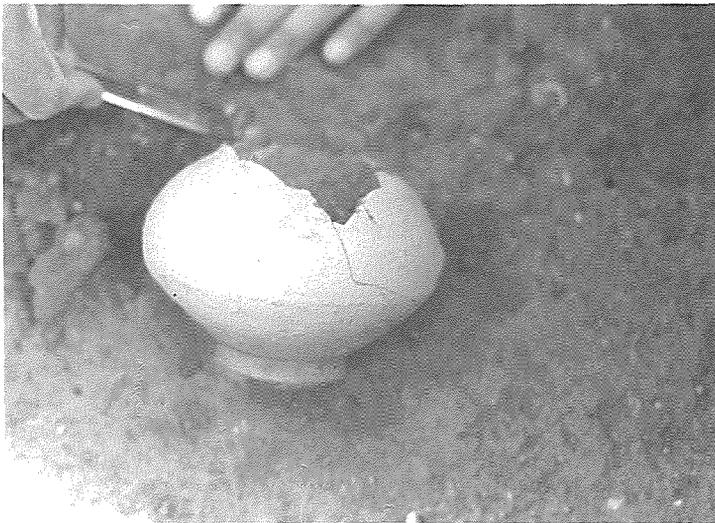


Fig. 5 — 2. Pormenor da recolha de uma jarrinha do período almóada, encontrada sobre o solo de um compartimento do quadrado H10.